

**Discurso pronunciado no Instituto de Geografia e História Militar, a 20 de Outubro de 1945, trigésimo dia do passamento do General Tasso Fragoso, na sessão solene em homenagem ao consócio desaparecido, pelo**

**General E. Leitão de Carvalho**

Senhor Presidente.

Senhores consócios.

Minhas Senhoras, meus Senhores.

O culto à memória dos grandes homens foi, em tôdas as épocas, índice da civilização dos povos. Relembrando-lhes os atos, exaltando-lhes as atitudes, louvando-lhes as idéias, apreciando os nobres sentimentos que lhes guiaram os passos através da vida, não só lhes rendemos a homenagem devida ao mérito, fazendo-lhes justiça póstuma, aquela que nunca falta aos homens de bem, mas ainda, pelo seu exemplo, modelamos o coração e o espírito das novas gerações, sôbre cujos ombros irão pezar os destinos e o renome da pátria. E é assim que a história, como dizia Cícero, se torna o testemunho dos tempos, a luz da verdade, a escola da vida.

E aquele a quem, neste augusto recinto, presta o Instituto de Geografia e História Militar o seu preito de admiração e de saudade, era bem um varão ilustre de quem se honram a nação e o exército.

Um conjunto feliz de predicados, intelectuais e morais, ornava a personalidade superior de Augusto Tasso Fragoso, afirmada, desde a juventude, por traços de inconfundível relêvo.

Nascido em S. Luiz do Maranhão, a 28 de Agôsto de 1867, dêle se pode dizer que ilustrou, com seu renome, como Plutarco a Chelonéa, os fastos da cidade natal, bêrço de tantas figuras de destaque nas letras, nas ciências e no serviço das armas.

Outros disseram já da sua brilhante passagem pela Escola Militar, vencendo as dificuldades dos cursos com a segurança peculiar às inteligências de escól. Era então aquele centro de formação militar uma fonte de exaltação cívica de onde proma-

navam, guiadas por Benjamin Constant, as reivindicações republicanas que abraçaram o cenário político nos últimos dias do Império. O cadete Tasso Fragoso, discípulo predileto do mestre republicano, foi dos mais ardorosos batalhadores na propaganda. Quando, do terreno das idéias passaram, êstes, aos fatos, vêmo-lo ao lado de Benjamin, na manhã de 15 de Novembro, animado daquele sincero entusiasmo, do exemplar disprendimento e da bravura que lhe assinalariam a personalidade ao longo de tôda a vida.

Seus panegiristas, junto à louza do seu último descanso, louvaram-lhe já o espírito de renúncia, demonstrado nos primeiros dias da República, ao rejeitar cargos e posições, que outros, menos idealistas, disputariam sem vexame, mas que êle repelia, contentando-se com o desempenho consciencioso de suas funções militares. A determinação com que, no esplendor da mocidade, cercado da estima e consideração dos companheiros de jornada, possuidor de uma preparação cultural impressionante, recusava o mandato eleitoral de seus conterrâneos e os cargos públicos em que o quizeram investir, revelou cêdo os traços fortes do seu feitio moral, a que repugnava aceitar prêmios à colaboração dada ao movimento republicano.

Mas quando o regime correu perigo, no momento em que a reação anti-republicana, unida à explosão de acumulados ressentimentos contra os agentes do poder, tomou a forma de revolta armada, o jóven desprendido, que se esquivara à evidência das funções governamentais, busca célere os postos de combate, a defender, com seu sangue, as instituições que ajudara a fundar. Vêmo-lo depois, já coronel, repetir essa atitude, ao recusar, como chefe da Casa Militar do Presidente Wenceslau Braz, a promoção a general, sob o fundamento de que outros havia de maior merecimento, deixando, por fim, o honroso cargo para aguardar à frente de um regimento a sua vêz.

Essas qualidades e virtudes, patenteadas na mocidade — primeira floração de seu nobre espírito — fortaleceram-se com a experiência da vida, deram feitio definitivo à sua formação moral e nunca mais o abandonaram. Em todos os lances de sua modelar existência, sem ostentação nem irreverência a

outrem, mas com a firmeza ditada por um caráter réto, é o mesmo homem, despido de ambições materiais, de elevação moral nas suas atitudes.

Gravemente ferido no combate da Armação, a 9 de Fevereiro de 1894, dizem os que o acompanharam na refréga, julgava ter dado pouco à causa republicana a que se entregara, com ardor, desde a juventude.

Seu insaciável desejo de saber, levou-o a versar todos os ramos dos conhecimentos humanos. Cultor das ciências exatas, sobressaiu na matemática e na astronomia, deixando luminosos traços de sua passagem nas comissões em cujo desempenho aplicou essas ciências. Seus estudos meticolosos e os novos métodos que adotou para a determinação de coordenadas geográficas e o cálculo da hora, foram guias seguros às atividades de toda uma geração de oficiais técnicos. Em outros campos, como a escolha do armamento para o Exército, a elaboração de planos para a fortificação do litoral, os cálculos balísticos da artilharia, Tasso Fragoso poz sempre aquele escrupuloso cuidado, aquele rigôr e exatidão que tanto lhe recomendavam a honestidade profissional.

Desejoso de saber, versando vários idiomas, servido por ampla e clara inteligência, lançou-se às ciências sociais e à filosofia, aprimorando sua cultura na convivência dos grandes pensadores. Amante das belas letras, seu conhecimento da literatura dava-lhe ao espírito tonalidades suaves e harmoniosas. Sua conversação — e era um mestre nessa arte excelsa — encantava e prendia os interlocutores.

Seu espírito progressista não lhe permitia deixar-se ficar em atrazo ante a evolução das instituições militares. Quando se acentuou no Exército a corrente renovadora da preparação profissional, caracterizada pelo esforço para aumentar o poder combativo da tropa, Tasso Fragoso, então coronel, entrou no movimento com decidido entusiasmo. Vêmo-lo, assim, em 1913, entregue à elaboração de um novo regulamento para sua arma. Todos os pormenores lhe interessavam. Consultava os que julgava competentes, fôsem mesmo oficiais de modestas patentes. Exercitava-se no manêjo-darma afim de se certificar

de que os movimentos eram os mais racionais. Aplicava, nos exercícios práticos, os princípios táticos a que obedecia o emprego da cavalaria nos exércitos mais adiantados, aceitando-os ou repelindo-os, segundo lhe parecia convirem ou não ao nosso meio.

Onde, porém, a pujança dos seus recursos intelectuais e seu amor à profissão das armas se revelou em tôda a plenitude, foi na fase de transformação por que passou o Exército sob a influência da Missão Francesa de Instrução de que foi o mais forte apôio. Seu espírito habituado ao rigôr do raciocínio científico teve de amoldar-se aos métodos práticos seguidos na tática e na estratégia. Assíduo às lições dos mestres, infatigável estudioso das doutrinas professadas na Escola de Estado Maior, acompanhava de perto os exercícios nessa e na Escola de Aperfeiçoamento, procurando assimilar os novos conhecimentos, propagados pelo seletto grupo de oficiais franceses, afim de codificá-los em regulamentos e difundí-los em todo o Exército.

Os que tivemos a fortuna de possuí-lo por chefe no Estado Maior, naqueles anos operosos de 1922 a 1928, em que dirigiu a repartição cérebro de nossas fôrças de terra, recordamos o incedível interêsse que punha no exercício de suas funções, o espírito de cooperação com que promovia o trabalho de seus auxiliares. Na elaboração dos regulamentos, ou de instruções, estava sempre presente, discutindo com os oficiais francêses e brasileiros a matéria e mestudo, intervindo, pedindo esclarecimentos, modificando, corrigindo as prescrições e os têxtos, com aquela inteligência e franqueza que lhe eram próprias. Era um companheiro mais velho durante o trabalho, no qual todos se sentiam à vontade. Frequentemente ia de seção em seção, quase de mesa em mesa, a informar-se do trabalho em andamento, sentando-se prazeirosamente com os oficiais, com os quais trocava idéias, a quem orientava nos estudos, associando-se, dessa maneira, intimamente, aos esforços de seus auxiliares. Tudo lia, tudo melhorava, com uma rapidez de apreensão e com senso de crítica que provocava admiração aos que lhe apresentavam os trabalhos.

Esmerado cultor do vernáculo, que não se contentava de manejar com elegância e perfeição, mas incitava os auxiliares a seguir-lhe o caminho, extremava-se na correção dos têxtos, algumas vêzes contrariando a indiferença dos que discursavam das boas formas da linguagem, para êles de somenos valia, esquecidos de que o respeito à sintaxe auxilia a inteligência do escrito e a elegância da frase torna a leitura amena e agradável.

Muitos dos que me ouvem e tiveram o privilégio de servir no Estado Maior, naqueles dias áureos, estarão recordando, por certo, uma expressão que lhe era familiar e bem lhe traduzia o amor à língua portuguesa: "a frase, costumava dizer, é uma obra de arte e, como tal é mistér ser burilada".

Todos lhe reconheciamos a superioridade intrínseca e a competência profissional, a que suas qualidades morais doiravam com um halo de simpatia humana, atraindo admiração e amizade.

Senhores: nesta sessão solene, em que rendemos um tributo de saudade ao consócio ilustre, que nesta casa ocupou a cadeira 31, sob o nome venerável de Bernardino Bormann; é ao historiador militar, operoso e justo, que devemos o culto de nossa admiração.

Como voltou, no último quartel da fecunda vida, o seu infatigável espírito para essa ordem de estudos, nos quais, como em tantos outros, haveria de legar-nos os frutos de sua esclarecida inteligência, diz-nos êle próprio na apresentação de *A Batalha do Passo do Rosário*, a mais antiga de suas grandes obras.

"Logo aos primeiros passos de minha vida como oficial do Exército, afirma alí, senti com mágoa a deficiência de minha preparação histórica. Reconheci sem demora não só que me falecia em geral o conhecimento dos fastos da Pátria, mas sobretudo o de seus grandes eventos militares".

E quem, pergunto, das gerações que vão entrando hoje nas sombras da velhice, não sentiu a mesma deficiência ao deixar a saudosa Escola da Práia Vermelha?

Dá-nos Tasso Fragoso a explicação da antinomia, que o

sobresaltára na mocidade, entre o ambiente de trabalho e civismo da Escola, servida por mestres consumados, e o abandono em que ali ficára a História Militar do Brasil. Ela estaria em se haver arraigado no espírito de muitos, sobretudo republicanos, nos últimos anos anteriores ao advento da República, “a falsa idéia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam assentar preliminarmente no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado, os quais, na verdade, só deveríamos julgar transportando-nos à época em que se realizaram, isto é, repondo-os no respectivo ambiente social”.

Com o correr dos anos e o comércio dos livros, esclarece, “foi vendo, por si mesmo, a veracidade do velho conceito de que a História é mestra da vida, fonte perene de patriotismo e que, portanto, não deve ser desconhecida notadamente de militares”. Convencido de que “o estudo dos episódios guerreiros das gerações que nos precederam, feito com serenidade e reflexão, é salutar aos moços que vestem farda, pois lhes fortalece o espírito, retempera o caráter e proporciona sólidos elementos para julgarem questões imprevistas e, por vêzes, incandescentes, em que as paixões dominantes, sem as luzes da verdadeira História, acarreariam os maiores desastinos”, embrenhou-se na meditação do passado, para refazer o fio dos acontecimentos e buscar-lhes a explicação natural, não para seu uso exclusivo, como singelamente declara, senão para poupar aos jovens militares o trabalho a que se entregava. Animava-o, assim, menos o desejo de glória que o propósito de ser útil.

‘Como Dominique Ricard, vi ana História o guia seguro que apressa no homem a marcha tarda da razão, evitando, com seus conselhos, os desvios das fraquezas e da inexperiência.

Pesquisador paciente, investigador concienzoso, não desprezando contribuição alguma que pudesse projetar luz sôbre as questões controvertidas, deu-nos, em **A Batalha do Passo do Rosário**, uma narrativa desapaixonada e veraz do lance guerreiro, suas origens e conseqüências, julgado com serenidade e elevação. Pensando, porém, no quanto seria útil “aos jovens

patrícios que ingressam ao exército ou que só há pouco alcançaram o posto de oficial”, conhecer os antecedentes históricos da luta, traça-lhes aquela síntese admirável, precisa e clara, verdadeira miniatura da vida colonial do continente, que forma a primeira parte do livro. O alto senso de justiça que presidiu à elaboração do trabalho, os sentimentos de estima aos povos vizinhos, com que no passado tivemos luta, que lhe inspiram os conceitos, e a forma pura e o estilo ameno em que está vasado, consagram-no obra clássica, merecedora de edição especial, para uso de toda a mocidade brasileira.

Aproveitando o tempo escasso que lhe deixavam os deveres profissionais, lançou-se em seguida à tarefa ingente de esclarecer definitivamente as causas e o desenvolvimento da nossa política no Prata, no meado do século passado, quando fomos novamente compelidos a empunhar as armas em defesa da soberania e honra da nação. E deu-nos a **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, êsse monumento de serena justiça aos nossos antepassados, devida reparação dos agravos sofridos pelos velhos guerreiros que se sacrificaram gloriosamente, nos banhados e estêros, em defesa da Pátria. E' que lhe feriram os sentimentos cívicos, na Escola Militar do seu tempo, o irreverente estado de alma da geração a que pertencia e o meio que a preparava. Ali havia, segundo afirma, “um como temor de falar em guerra, em presença de moços que não tinham para com os velhos guerreiros do Paraguai, que desfilavam diante deles, alquebrados pela velhice e com as fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que, sem dúvida, mereciam como dignos servidores da Pátria comum”. E, com o seu esforço nobilitante, promoveu-lhes, na madureza, a devida reparação, exumando dos arquivos a verdade histórica, a cuja luz se revestiram do fulgor da glória as ações que praticaram nos campos de batalha. A mocidade contemporânea, por sua mão benemérita, aprendeu assim a admirar a coorte valorosa que se bateu pelo Brasil.

A obra, apesar de vasta e proficiente, não o satisfez contudo. Abriu, por isso, o caminho aos seus continuadores, as-

senalando com marcos inconfundíveis o que restava a percorrer. Tarefa patriótica digna da atenção dos sócios desta casa.

Mas, nem a velhice lhe arrefeceu o entusiasmo pelos estudos históricos, nem a sua fecunda operosidade cedeu, sinão a custo, às contingências fisiológicas. Deu-nos ainda *A Paz com o Paraguai*, em que explica a forma por que se restabeleceram as relações normais entre os beligerantes, depois de finda a contenda. Em suas páginas trata, com a serenidade e elevação de sempre, as graves questões suscitadas durante as negociações, que nos ameaçaram de uma nova guerra, dessa vez com a República Argentina, nossa aliada de cinco anos.

Definindo a atitude do governo brasileiro nessa emergência, assim se expressa o General Tasso Fragoso: "Apraz a um brasileiro ler a documentação referente a êste episódio, conhecer de perto a segurança e nobreza das notas que expedimos e a firmeza, a calma patriótica e o saber com que estadistas brasileiros, como Paranhos, Cotegipe e Correia, se houveram nas discussões travadas na Côrte, em Buenos Aires e em Assunção. E' meditação que reconforta a alma, pois demonstra a segurança e oportunidade das decisões que se escudam em motivos elevados".

O seu desejo de proporcionar aos jôveis brasileiros, que abraçaram a carreira das armas, o conhecimento dos fatos militares da nação, acompanha-o, sem desfalecimento, através de tôda a vida. Vai, assim, recolhendo e transmitindo às novas gerações todos os testemunhos que reúne, coordenados de forma que gerem a convicção, por essa forma aplainando, pela experiência histórica, o caminho dos que terão um dia de solucionar os graves problemas relacionados com a vida política do país. Seguindo essa orientação é que nos brinda com a *Revolução Farroupilha*, exposição concatenada das operações militares realizadas durante os dez anos da sublevação riograndense, que ameaçou a integridade do Império e obrigou a mover para o sul grande parte do exército e da marinha nacionais. Filia, nesse estudo, o movimento de 1835, à reação do espírito liberal que animava a nacionalidade nascente, contra o absolutismo de Pedro I, cuja sobrevivência mantivera o período da Regên-

cia em constante agitação. Demos, porém, a palavra ao mestre neste ponto fundamental para a interpretação dos desígnios que animaram os chefes revolucionários riograndenses.

“A meditação serena dos fatos da revolução farroupilha, diz êle, leva ao espírito desapaixionado a convicção de que ella é um simples elo da cadeia dos movimentos de rebeldia com que o Brasil aspirou a libertar-se do domínio de Portugal e do regime monárquico. Não há nela sintoma de anti-brasileirismo que a deslustre, como não o houve, por exemplo, na Confederação do Equador em 1824. O rompimento com o Império obrigava à independência, mas nem os farroupilhas, nem os pernambucanos queriam marchar sòzinhos para o seu novo destino, senão que convidavam as demais províncias a acompanhá-los. Que a evolução brasileira tinha de operar-se na direção da democracia, provam-no os acontecimentos subseqüentes, prova-o sobretudo o 15 de Novembro de 1889, em que o Brasil instituiu o regimen republicano, promulgando depois notável Constituição, garantidora da liberdade espiritual, da ordem e do progresso”.

Por essa forma, respeitando a verdade histórica, procurava apagar os vestígios das dissensões internas, que durante tantos anos separaram os brasileiros.

Muitas outras contribuições valiosas à instrução dos jòvens officiais — que não cessou de apontar como o escôpo de sua fecunda obra de historiador militar — legou-nos a inteligência pujante do consócio illustre, cujo desaparecimento todos pranteamos. Acompanhar-lhe, porém, de perto a fecunda produção, mesmo a enumerando apenas, levar-nos-ia longe, e nem o momento é adequado, nem sobrariam recursos ao vosso intérprete para tarefa de tão largo alento. Será a grata incumbência de seus biógrafos, que bem poderão sair desta casa, onde se cultiva a História com o fervor que animava o espirito do preclaro mestre e onde se admiram os talentos e virtudes que lhe exornavam a personalidade superior.

A vida exemplar do General Tasso Fragoso não é menos instrutiva do que suas obras, pois sua conduta, em tôdas as emergências, pautou-se sempre, como a de Plutarco, por ele-

vados princípios. Amigo leal e devotado, sua sensibilidade moral não lhe permitia confessar aos amigos o que por êles fazia, o que só o tempo ou os acontecimentos chegariam a revelar. Chefe de família extremoso e austero, não conheceu jamais atrativos maiores que os de seu próprio lar. O gosto fino e delicado, a paixão do nobre e do justo, a força de seu espírito que o erguia até os mais elevados píncaros a que se alçou a inteligência humana, a vibração cívica de sua alma e a renúncia aos bens materiais dão-lhe-á personalidade perfil destinado ao buril do estatuário.

E' à memória dêsse grande homem que o Instituto de Geografia e História Militar rende neste momento o preito de sua saudade e admiração, e a que uma fiel amizade oferece o seu modesto tributo.